

4ºTEXTO: – Terapia Ocupacional: a profissão do futuro

Foram muitos os momentos que me percebi em dificuldades com a relação homem – reabilitação – atividade, no que se refere ao uso das atividades enquanto recurso terapêutico. Como atuar, “profissionalmente”, com algo que é tão comum, simples, pertencente ao universo plástico e até, porque não, sob a perspectiva pedagógica, infantil...coisa de criança.Como algo tão atemporal, que parece tão distante das tecnologias e das sofisticções inovadoras pode ter valor e ser reconhecido na lógica do mercado da Saúde?

Ampliar o entendimento sobre este tema contribui, e muito, para boa formação do profissional.

No prefácio do livro “O Objeto e a Especificidade da Terapia Ocupacional”, o professor Rui demonstra e desafia o leitor a reconhecer que o limite imposto à compreensão do valor do uso das atividades manuais Livres e Criativas, que nos caracteriza, se pode identificar mais na carência teórica dos terapeutas, que numa pretensa insuficiência disto que nos caracteriza.

Partindo da inspiração de buscar fontes diversas na construção do saber, encontramos as estatísticas dos sistemas educacionais. Atualmente, estudar é fazer o trabalho mental em vez de manual, resultando em universidades lotadas e formando pessoas que não sabem o quê, nem como fazer. Vendem uma fantasia sobre um lugar na sociedade em detrimento a um trabalho qualificado.

Nós mesmos carregamos o preconceito da atividade manual por outra mais “mental”, de uma relação diferente acerca do significado do trabalho. Na contra mão deste sofisma construído em diversos campos da cultura, alguns autores fazem propostas bem diferentes atualmente.

Richard Sennet, sociólogo, em seu livro, “O Artífice”, cita seu projeto - Homo Faber - o homem que faz. Pensar um recomeço da cultura do fazer, do artifício, daquele que faz com as mãos, do empenho humano na construção. “Durante muito tempo as atividades manuais vem sendo subestimadas” (SENNET, 2005). Segundo o autor o apelo de recuperar a dignidade da relação do humano com seu espaço, sua cultura, passa necessariamente por uma nova integração do uso natural das mãos criativas.

Thais Cruz, doutora em psicologia social, em seu trabalho sobre os artesãos de cidades do interior de Minas Gerais, por mais de 10 anos, apresenta sua tese: “é na forma artesanal que o trabalho ainda preserva vínculos com seu sentido original, em que todos os rituais mentais e práticos que envolvem sua preparação e realização compreendem uma síntese” (CRUZ, 2010).

Com o aumento esmagador das exigências sociais, a criança livre e criativa, que se forma na sua experimentação, vai se desligando do universo simbólico na medida inversa de seu desenvolvimento. Passou a conectar-se a uma sombra Platônica do símbolo, tomando alegorias por realidade, (como no Mito

da caverna) com pouco ou nenhum sentido, pois, acrescentando a autora, “é forma vazia, pobre repetição de padrões sociais previamente definidos” (CRUZ, 2010).

Tendo ampliado sua pesquisa, o Professor Rui encontra na Antropologia Filosófica uma proposta anti – reducionista, “procurando compreender o homem em sua realidade trina: Natureza – Sujeito – Forma” (JORGE, 1995). Assim o homem assume como objeto de conhecimento do próprio homem, estando entre a Natureza e a Forma. Deste modo, informa o que deve Ser e Fazer.

Em toda sua proposta da Psicoterapia Ocupacional, apresenta uma integração do modelo homem – reabilitação – atividade. Ao descrever sobre as ocupações como proposta técnica do Terapeuta ocupacional, define que “alcançam ser realizadas pelos pacientes com liberdade e futuro sobre materiais plásticos, com ferramentas e fantasias onde-quando o segundo adquire conhecimentos de si, do mundo e de suas relações, na cultura, na história e na política” (JORGE, 1997).

Em uma de suas últimas palestras, proferida na Escola de Saúde, o Professor Rui disse algo que soaria num tom praticamente profético. Percebendo um tempo que anunciava uma acelerada fragmentação ainda maior do humano, assim concluiu: “Haverá um dia, que o único caminho de se reabilitar o homem será novamente pelas mãos”.

Em tempos de tamanha fusão de identidades reais e virtuais, que não se atualizam, nunca estivemos tão próximos de ser a “profissão do futuro”, aqui e agora.

Autor: Guilherme Fenelon